

Crise poderÃ¡ ser oportunidade para travar desertificaÃ§Ã£o rural

06-Feb-2009

Um mundo de oportunidades ou a crise afecta tambÃ©m a agricultura? Esta Ã© a questÃ£o que se coloca, numa altura em que Governo e associaÃ§Ãµes discutem polÃ-ticas sobre o sector. Os fundos comunitÃrios poderÃ£o ser uma tÃ¡buia de salvaÃ§Ã£o, mas evitar o abandono do mundo rural cabe aos empreendedores que se devem modernizar e acompanhar as novas realidades. Para alguns especialistas, esta Ã© a altura certa para aproveitar dar a volta Ã crise e criar janelas de oportunidades. Foi o que fez uma mulher agricultora que, teimando em manter-se junto Ã terra que a viu nascer, resolveu aplicar as suas forÃ§as num projecto que quer venha a ser a sua sobrevivÃªncia e das caracterÃ-sticas do mundo rural. Uma vontade que, contudo, nÃ£o parece existir nos jovens empresÃrios, jÃ¡ que Portugal Ã© o paÃs com a agricultura mais envelhecida.

O Director Regional da Agricultura e Pescas do Centro (DRAPC) afirmou que o perÃ-odo de crise internacional poderÃ¡ ser uma oportunidade para travar a desertificaÃ§Ã£o rural e de promover iniciativas empresariais.

"Haver Ã³xodo rural Ã© tambÃ©m uma fonte de oportunidades para quem tem estratÃ©gia, para gerar escala", afirmou Rui Moreira, frisando que o abandono das terras poderÃ¡ permitir criar empresas rurais rentÃ¡veis.

No entendimento do responsÃ¡vel, a RegiÃ£o Centro padece de um "problema estrutural que vai sendo adiado, que Ã© o que fazer com a terra".

As reduzidas dimensÃµes da propriedade exigem um novo emparcelamento, que nÃ£o deverÃ¡ passar sempre pela intervenÃ§Ã£o do Estado, mas tambÃ©m da iniciativa das actividades econÃ³micas, explicou o director da DRAPC.

"Confunde-se agricultura de subsistÃªncia com actividade empresarial", observou, acrescentando que poucos sÃ£o os nÃºcleos empresariais que entendem a actividade agrÃcola como actividade empresarial, quando hÃ¡ alguns sectores, como a floresta, mais rentÃ¡veis que outras consideradas como tal.

Rui Moreira realÃ§ou que Portugal gasta diariamente 50 milhÃµes de euros no estrangeiro sÃ³ com a importaÃ§Ã£o de produtos alimentares, e "ninguÃ©m pode andar diariamente a tomar o pequeno-almoÃ§o fora, a almoÃ§ar fora, e a jantar fora".

Na sua perspectiva, esta situaÃ§Ã£o nÃ£o Ã© sustentÃ¡vel, e desafia e cria oportunidades Ã iniciativa nacional, e apela a uma alteraÃ§Ã£o do olhar sobre a agricultura.

TambÃ©m o presidente do Conselho Empresarial do Centro, Almeida Henriques, expressa a opiniÃ£o de que a crise mundial poderÃ¡ ser uma oportunidade para as iniciativas empresariais, nomeadamente no sector da agricultura.

"Quem sair desta crise sai reforÃ§ado. NÃ£o se ganha dinheiro virtual, ganha-se na agricultura, na indÃ³stria extractiva, na indÃ³stria transformadora. Ganha-se onde se acrescenta valor. Volta a oportunidade de recentrar a atenÃ§Ã£o nesses sectores, acrescentou.

Almeida Henriques defendeu tambÃ©m o desenvolvimento de uma consciÃªncia cÃ¢vica que leve a optar por produtos nacionais, no sentido de contribuir para a recuperaÃ§Ã£o da indÃ³stria portuguesa. Sugeriu ainda a criaÃ§Ã£o de sectores especÃ-ficos para a sua venda nos supermercados.

Na Ã³ptica do responsÃ¡vel mÃ¡ximo do Conselho Empresarial do Centro, para travar a desertificaÃ§Ã£o do interior torna-se necessÃ¡rio criar nichos de empresas em cada municÃ-pio, capazes de estimular iniciativas

empresariais, mesmo as de pequena escala, e difundir clubes de micro-crédito para as ajudar a surgir.

"Não só possivel fixar pessoas sem haver dinâmica empresarial. Não há receitas mágicas, mas uma coisa pode ajudar, que só a concertação de pessoas e a difusão de boas práticas", considerou Almeida Henriques.

Â

in Diario de Viseu de Segunda-feira, 2 de Fevereiro 2009